

# Entre o rochedo e o mar

CELSON CORRÊA DE BARROS

**A** defesa intransigente de uma rede pública de saúde que garanta ao cidadão atendimento gratuito e de boa qualidade, como agora determina a Constituição brasileira, sempre fez parte da tradição de luta do Sindicato dos Médicos do Rio de Janeiro.

Somos contrários a todas as tentativas que visem à privatização dos serviços públicos de saúde. Suprimir um leito em um hospital público favorece aqueles que lucram com a doença. Saúde não é mercadoria.

No início do governo Collor, o Sinmed denunciou, em nota publicada em jornais de grande circulação, a farsa do discurso oficial do ministro da Saúde, Alceu Guerra, responsabilizando os médicos por todas as mazelas do sistema de saúde.

Na órbita estadual, desde a posse do governador Brizola, temos procurado as autoridades da área de saúde na tentativa de buscar solução para a grave crise por que passa o sistema, tentando, inclusive, através de negociações, elevar os miseráveis

salários dos profissionais de saúde, o que foi reconhecido pelo próprio governador, bem como resolver questões ligadas às condições de trabalho e atendimento à população. Esse quadro, lamentavelmente inalterado até hoje, tem levado muitos médicos a se demitir do serviço público estadual.

Estranhamos, portanto, que o secretário de Saúde do Estado, dr. Pedro Valente, em recente artigo, ao invés de procurar equacionar os graves problemas de saúde que afligem a população, volte suas baterias contra os sindicatos, conselhos e até mesmo contra a imprensa, quando estas entidades e profissionais mostram à população o abandono a que a rede estadual está relegada.

A I Conferência Estadual de Saúde, realizada sob os auspícios da Secretaria de Estado da área, respaldou o pacto entre profissionais de saúde e representantes da população, exigindo de nós uma postura firme e decidida em denunciar o descalabro praticado pelas autoridades com o sucateamento da rede, as péssimas condições de trabalho nos hospitais e postos, e os salários

de fome pagos pelo estado. Antiética seria a omissão e a conivência dos profissionais com tal estado de coisas.

O secretário Pedro Valente deve dirigir suas baterias no sentido da efetiva implantação do Sistema Único de Saúde em nosso estado, com investimentos maciços na área de saúde pública, ao contrário dos ínfimos 2% que o governo do estado destinou de seu orçamento deste ano, tentando manter o mesmo percentual para o próximo exercício. Deve assumir uma atitude firme contra a atual forma de repasse dos recursos federais que remuneram os serviços de saúde pela produtividade, tratando os hospitais e seus profissionais como se fossem uma fábrica de parafusos.

O povo do Rio de Janeiro está cansado de tantos discursos e polêmicas entre as autoridades e das agressões aos profissionais, consciente de que ao fim de tudo ele é o maior sacrificado.

---

Celso Corrêa de Barros é diretor do Sindicato dos Médicos do Rio de Janeiro e da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro.

---